

O USO DAS REDES SOCIAIS COMO MEIO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL NOS PROTESTOS NACIONAIS DE JUNHO DE 2013¹

Por **Viviany Rodrigues de Souza TAVARES²**

Bruno dos Reis BARBOSA³

Flávia Martins dos SANTOS⁴

RESUMO:

Este artigo trata de como o ciberespaço tem sido utilizado pela sociedade com o propósito de mobilizar os usuários das redes sociais em razão do que se objetiva, com uso de argumentação pertinente que é capaz de engajar o usuário através da formação de opinião pública. O trabalho se constrói com base no estudo da cibercultura, da mobilização social, da teoria do Espiral do Silêncio e do uso do Facebook e do Twitter como plataformas-base de sociabilidade online. Além disso, foram analisadas por meio de observação participante a repercussão – nestas plataformas – dos movimentos populares ocorridos no Brasil nos dias 18 e 20 de junho de 2013, em decorrência do aumento do valor da passagem, da votação do PEC 37, dos gastos com a Copa do Mundo e da corrupção política.

PALAVRAS-CHAVE: cibercultura, opinião pública, espiral do silêncio, redes sociais, mobilização social.

“Eu acho que o domínio dos dados e da análise dos dados vai desempenhar um papel fundamental na vida política do futuro.”

Piérre Levy,

Introdução

A internet vem sendo utilizada, desde o seu surgimento, como fonte de conexão social. As redes sociais na internet originaram-se com o propósito de estreitar e ampliar as relações pessoais através de ferramentas diversas, como janelas para bate-papo, compartilhamento de status, fotos e vídeos e, como no caso do Facebook, páginas que permitem a formação de grupos de interesse, que acabam por unir pessoas que possuem gostos em comum.

Dentro destas páginas, os usuários podem manifestar suas opiniões individuais que, unidas, podem expressar uma opinião pública. Quando desenvolvida em um contexto que abrange os direitos dos cidadãos e a democracia, essa opinião pública pode ser a base da organização de manifestações populares, que tomam forma nas redes sociais e em seguida são

levada às ruas em forma de protestos. Tendo em vista este poder de aproximação pessoal que a internet possui, este artigo foi desenvolvido com o objetivo de mostrar como a sociabilidade online é capaz de contribuir com o exercício do que aqui se trata por ciberdemocracia e mais, do grande contingente de pessoas que essa interação é capaz de atingir. O artigo foi pensado tendo em vista os protestos nacionais de 18 e 20 de junho de 2013 no Brasil, que mobilizaram, ao todo, mais de 1,5 milhão de pessoas nas ruas do país em um protesto contra o aumento das passagens dos transportes públicos, a corrupção, os gastos com a copa e ao PEC 37. Este caso foi escolhido justamente pelo número de manifestantes, que foi o maior desde o impeachment de Collor. O que torna este particular estudo um ponto de discussão da sociabilidade online é o fato de ele ter sido pensado e organizado dentro das redes sociais. O artigo apresenta, a seguir, uma

estrutura de abrangência que vai do geral ao específico, tratando da formação da opinião pública, da mobilização social, da cibercultura e o compartilhamento de informações, da mobilização nas mídias sociais e, por fim, o estudo do caso dos protestos nacionais, feito a partir de observação participante e análise da repercussão na imprensa e na sociedade em geral. Ainda dentro destes processos, pontos relevantes serão levantados, como a teoria do espiral do silêncio e a argumentação como forma de convencimento na ciberdemocracia.

1. Opinião pública e mobilização social

A opinião pública é estudada como conceito e significado há décadas. SENA(2007, p.270) afirma que a expressão carrega em sua definição uma enorme complexidade, tendo em vista a teia social a que o tema pertence e à complexidade do processo comunicacional. A autora define, de modo simplista, que:

A opinião corresponde sempre a um juízo formulado a respeito de qualquer fato e a sua dimensão pública surge quando essa opinião é partilhada com um vasto número de indivíduos a tal ponto que, a observação emitida poderia ser de qualquer um deles. (SENA, 2007, p.270)

Este conceito também é partilhado com CHILDS (1967), que de uma forma mais genérica ainda afirma que “a opinião pública é apenas uma coleção de opiniões individuais”(CHILDS, 1967). Para o autor, entender a opinião pública exige entender como as opiniões individuais se formam e que entendê-las, por sua vez, demanda que um individuo saiba porque é como é: é um processo de autoconhecimento, de estudo das atitudes, principalmente, uma vez que a opinião é uma expressão verbal da atitude. AUGRAS (1970, p.12) igualmente acredita que exista uma relação entre a atitude e a opinião pessoal, mas acrescenta que no nível coletivo a opinião públi-

ca aparece como forma de delimitação do sentimento do povo.

Como forma de exemplificar a relação da atitude com a opinião, AUGRAS(1970, p.27) delimita que a opinião permite ao indivíduo, sobretudo, expressar aspectos afetivos, como necessidades, tensões, autonomia ou dependência. Segundo a autora, essa é uma forma de usar a opinião como integração entre pessoa e ambiente e, não bastante, “é a opinião que faz aceitar a pessoa pelo grupo.” (AUGRAS, 1970, p.27).

Supõe-se que, quando unidas em um espaço apropriado para exposição de opiniões, os indivíduos podem compartilhar das mesmas insatisfações e necessidades, o que acaba por uni-los em mobilizações sociais. No artigo “O que é Mobilização Social?”, o filósofo Bernardo Toro afirma que a mobilização acontece “quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos.” (TORO,2011).

O que diferencia as mobilizações sociais das manifestações públicas, segundo TORO, é o fato de que estas se dão com a presença de pessoas em uma praça, passeata, concentração e, além disso, não se caracterizam por uma busca diária. Quando a mobilização social perpassa por canais de comunicação, o processo recebe o nome de comunicação popular. De forma sintetizada, PERUZZO (2008) afirma que a “comunicação popular, alternativa e comunitária é expressão das lutas populares por melhores condições de vida, a partir dos movimentos populares, e representam um espaço para participação democrática do “povo”.” (PERUZZO, 2008, p. 370). Essa comunicação popular, atualmente, vem tomando forma na internet que, como dito anteriormente, tem sido vista como canal de comunicação e aproximação. Vê-se, portanto, o ciberespaço sendo usado como meio de compartilhamento de informações.

2. Ciberespaço, compartilhamento de informações e mobilização nas mídias sociais

O Ciberespaço é , segundo Gibson (2003), um espaço virtual, sem dimensões e voltado para a comunicação, mas que não depende da presença física do homem para constituir fonte de relacionamento. Para o autor, este é um espaço presente no mundo graças a um conjunto de tecnologias produzidas e que vão se arraigando na sociedade, tornando os indivíduos sujeitos a modificação dos seus princípios, uma vez que todos estão vulneráveis ao que se faz presente no Ciberespaço. Piérre Levy (1999), por sua vez, define este 'ambiente' como o "espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores." (LÉVY, 1999, p. 94.) Neste meio, encontram-se elementos da comunicação oral e escrita, que acabam por complementar o contato físico das relações humanas com o contato digital.

Intrinsecamente ligada ao ciberespaço tem-se a cibercultura, compreendida por LEMOS (2003) como "relação entre as tecnologias informacionais de comunicação e informação e a cultura, emergentes a partir da convergência informática / telecomunicações". A cibercultura pode ser tomada, em significância de termo, como cultura digital, que se trata de uma cultura digital, que CURY, CAPOBIANCO E CYPRIANO(2009) definem como:

(...) a evolução natural da cultura produzida pelas sociedades, diferenciada pelo fato dos dados estarem armazenados em um mesmo lugar desterritorializado, acessível à maioria das pessoas e que oferece possibilidade de socialização e comunicação por meio de recursos técnicos diferenciados como: e-mails, chat, fórum, wiki, e outros. (2009, p.04)

Na atualidade, essa cultura digital se vê reforçada a partir de três plataformas: as redes sociais, as mídias sociais e as mídias digitais. Para diferenciá-las deve-se levar em consideração primeiramente que mídia refere-se à meio e rede à pontos de conexão. Portanto, as redes sociais dizem respeito à comunicação entre um grupo de pessoas que compartilham dos mesmos interesses/gostos; as mídias sociais, por sua vez, são os meios pelos quais essas redes são sustentadas, as ferramentas. Já as mídias digitais são os veículos e aparelhos de comunicação não-analógicos, ou seja, são os meios que permitem uma comunicação oral e escrita de forma digital. Para exemplificar, pode-se afirmar que o Facebook e o Twitter são redes e mídias sociais utilizadas através de mídias digitais como computador, celular, tablet.

Dentro destas plataformas, o compartilhamento de informações de todo tipo ocorre "sem fronteiras", uma vez que, dispostas nas redes, estão acessíveis aos usuários inseridas nelas. E é com a disponibilização de informações e, principalmente opiniões acerca das necessidades e insatisfações (políticas e sociais, como no caso estudado), que nascem as mobilizações nas mídias sociais. Tomados pelo desejo de atingir algum objetivo em prol do bem comum e pela noção da quantidade de pessoas com acesso à internet atualmente, os indivíduos iniciam mobilizações sociais que, bem organizadas e pautadas dentro de um cronograma de execução sempre bem atualizado, acarretam em manifestações públicas de grandes proporções, como no caso a ser abordado posteriormente.

As mobilizações no meio digital são promovidas quando os indivíduos se identificam com a causa posta a debate e/ou quando concordam com a argumentação (vale ressaltar que a identificação pode ser tomada a partir dos ideais seguidos pelo grupo a

que se pretende pertencer). Aliados a esse quesito – como no caso estudado a ser apresentado mais a frente – está a democracia. De acordo com a embaixada americana no Brasil, a “democracia é um conjunto de princípios e práticas que protegem a liberdade humana; é a institucionalização da liberdade”. Na esfera da internet, segundo Gomes (2005), pode-se nomear essa proteção à liberdade como democracia eletrônica, ciberdemocracia, democracia digital ou e-democracy; para ele, essas expressões “referem-se em geral às possibilidades de extensão das oportunidades democráticas instauradas pela infra-estrutura tecnológica das redes de computadores.” (GOMES, 2005, p.218).

Aqueles que encabeçam as mobilizações sociais digitais usam de argumentos democráticos. A mobilização social digital trata-se da angariação de pessoas nas plataformas da internet para promoção, de forma presencial ou não, de movimentos populares. De forma geral, movimentos populares são caracterizados por Cici- lia Peruzzo (2008) como:

Movimentos populares são manifestações e organizações constituídas com objetivos explícitos de promover a conscientização, a organização e a ação de segmentos das classes subalternas visando satisfazer seus interesses e necessidades, como os de melhorar o nível de vida, através do acesso às condições de produção e de consumo de bens de uso coletivo e individual; promover o desenvolvimento educativo-cultural da pessoa; contribuir para a preservação ou recuperação do meio ambiente; assegurar a garantia de poder exercer os direitos de participação política na sociedade e assim por diante. Em última instância, pretendem ampliar a conquista de direitos de cidadania, não somente para pessoas individualmente, mas para o conjunto de segmentos excluídos da população. (PERUZZO, p. 50)

Percebeu-se que a utilização de argumentos baseados nos direitos dos cidadãos é o que fomenta a maioria das mobilizações sociais e, conseqüentemente, os movimentos populares. São citadas leis, reportagens e imagens. Além disso, usa-se de um discurso que mescla um acontecimento qualquer à realidade do leitor, o que acaba por inseri-lo no contexto social a que se refere, de maneira (diversas vezes) psicológica: o indivíduo adere à causa não porque se encaixa nela propriamente, mas pelo fato de aquele acontecimento englobar outros indivíduos do seu círculo social.

Outro aspecto que reforça a argumentação democrática nas redes sociais é o uso dela por parte de formadores de opinião, pessoas públicas, celebridades. Além da aceitação da argumentação por influência geral, o indivíduo tende a segui-la por admirar o dissipador dos argumentos. O reforço, neste caso, ocorre não só na argumentação, mas na quantidade de pessoas a serem atingidas. O Facebook, por exemplo, permite compartilhar conteúdos de desconhecidos ou que não fazem parte da rede do usuário, tornando-os visíveis para outros indivíduos com conta na rede social. Deste modo, a abrangência de usuários se faz em forma de pirâmide, onde o topo é a publicação da celebridade e a base, em constante crescimento, é constituída por usuários que têm acesso à publicação compartilhada. Quanto mais usuários tiverem acesso, maiores as chances das mobilizações sociais digitais desencadarem movimentos populares presenciais com um grande contingente de pessoas.

3. A Sociabilidade Online e a Teoria do Espiral do Silêncio

Acredita-se que a sociabilidade online pode ser tomada como um processo em que as conexões pessoais são promovidas dentro de uma plataforma digital e envolvem aspectos emocionais e racionais, dando continuidade (ou até mesmo substituindo) as relações humanas de modo físico. Simmel

(1983) reforça essa definição suposta, assegurando que a sociabilidade é a forma como os indivíduos interagem entre si, estando sob as regras de determinado espaço.

A internet como meio de interação e aproximação interpessoal pode espalhar informações e promover mobilizações sociais em torno de uma determinada causa, seja ela política, religiosa, econômica ou cultural. Para que ocorra uma mobilização dentro das redes sociais, é preciso que o agente mobilizador tenha em seu alcance duas 'armas' da comunicação: uma boa argumentação e um público que possa se identificar com sua causa.

Propõe-se que a argumentação é, no ciberespaço, aquilo que pode tornar uma informação qualquer em um foco de discussão de grande proporção. No entanto, os argumentos devem se aproximar da identidade do público a quem se direcionam, fazendo com que ele tome os fatos para si como algo a defender. Por outro lado, as redes sociais carregam um histórico de estudos que confrontam o universo físico e o universo virtual, em sua forma contraditória de "verdade versus mentira", de disparidade entre a imagem e a identidade. Percebe-se, nesta diferença, uma ligação com uma das principais teorias da comunicação: a Teoria da Espiral do Silêncio (NEUMANN, 1995).

Os estudos acerca da espiral do silêncio se iniciaram na década de 1960, após a pesquisadora Elisabeth Noelle-Neumann notar uma mudança de opinião dos eleitores, de forma súbita, na reta final da eleição na Alemanha, entre 1965 e 1972. A alemã percebeu que a mudança era um efeito da influência dos meios de comunicação de massa, que exprimia opiniões que ao ver do público eleitor, se faziam dominantes. Com isso, os grupos minoritários que se contrapunham ao que a mídia divulgava acabavam mudando de opinião, na tentativa de se apro-

ximar da maioria. Com os estudos, a pesquisadora pôde comprovar que há uma tendência em expor ideias quando se está pertencendo a um grupo majoritário, pois se pressupõe um amparo por parte daqueles que estão inseridos neste grupo, o que faz a maioria crescer, se tornar ainda mais dominante; em contrapartida, quando se é minoria, o indivíduo não possui tanta confiança em se manifestar por medo de isolamento social, daquele grupo ou da sociedade em geral. Segundo Neumann(1995), essa tendência cíclica ao silêncio é a mola da espiral.

A ligação entre a sociabilidade online e a espiral do silêncio pode ser percebida a partir da análise do comportamento dos usuários da internet. Nas contas em redes sociais alguns indivíduos trazem em seu perfil (ou página) uma identidade diferente daquela que carrega no mundo presencial. Supõe-se (por observação de perfis no Facebook) que isso se trata de uma necessidade de disseminar uma imagem de uma identidade que não possui, pela vontade de pertencer a um grupo maior, dominante e, em muitos casos, completamente distinto daquele que constitui, na verdade. As próprias mídias sociais permitem a formação de grupos específicos. No caso do Facebook, por exemplo, é possível curtir páginas de assuntos selecionados, montar uma lista de interesses e criar eventos e grupos de discussão – nestes é que surgem o que aqui se tomará por mobilizações sociais no meio digital.

A seguir, apresentar-se-á um estudo de caso da repercussão das manifestações dos dias 18 e 20 de junho de 2013, em que ocorreram protestos em todo o país contra o aumento da passagem, contra a votação do PEC 37 e contra corrupção política. O estudo, feito por meio de observação, análises de perfis e publicações e pesquisa de reportagens, busca mostrar como a sociabilidade online é capaz de contribuir com as mobilizações sociais.

Os protestos brasileiros de 18 e 20 de junho de 2013

A manifestação de 18 de junho de 2013 se deu logo após as prefeituras reajustarem as passagens de ônibus em ao menos vinte centavos no final de maio. Durante a primeira quinzena de junho pequenas manifestações ocorreram na Grande São Paulo. Após um pequeno protesto em São Paulo, em 13 de junho, o Movimento do Passe Livre começou, no Twitter e no Facebook, a mobilizar manifestantes para organizar um protesto nacional. Foi então que, no dia 18 de junho, segunda-feira, cerca de 300 mil brasileiros protestaram em cerca de 12 cidades brasileiras.

O protesto de 20 de junho de 2013 entrou para a história do país como o maior manifesto desde o impeachment de Fernando Collor, levando quase 1,5 milhão de pessoas às ruas. Este movimento, no entanto, transcendeu o argumento do aumento da passagem. naquele dia, os indivíduos que iam às ruas protestavam contra a votação do Projeto de Emenda Constitucional que restringia às investigações criminais às polícias civil e federal (PEC 37), contra a 'cura-gay' proposta pelo presidente da Comissão de Direitos Humanos, contra os gastos abusivos com a Copa do Mundo 2014 e contra a corrupção política em geral. É importante ressaltar que nenhuma das manifestações recebeu apoio da mídia televisiva e radiofônica: a mobilização foi toda estruturada por meio das redes sociais.

Após as primeiras pequenas manifestações na rua e grandes mobilizações

na rede, algumas pessoas públicas aderiram ao movimento nas redes sociais e começaram a engajar novos manifestantes. Como exemplo tem-se o apresentador e comediante Rafinha Bastos, que com uma publicação no Facebook (figura 1), em apenas uma hora, atingiu quase 8 mil compartilhamentos. Nela, está inserido um vídeo em que Rafinha lista as cidades onde aconteceriam os movimentos populares de 18 de junho de 2013, bem como incentiva seus 1,5 milhão de seguidores da página a participarem dos protestos. Este convite reforçava o movimento

que foi todo idealizado e organizado dentro das redes sociais.

No vídeo que Rafinha Bastos disponibiliza na publicação (e que pode ser acessado pelo link <http://youtu.be/p98Ohttibfg>), é possível perceber a argumentação de inserção no contexto social de maneira psicológica,

como citou-se anteriormente. O comediante faz uso da seguinte afirmação: "Muita gente diminui essa luta e diz que vinte centavos não fazem falta. Fazem falta sim, pra muita gente! Talvez não pra você ou pro seu vizinho,



Figura 1: Rafinha Bastos mobiliza seguidores. Disponível em <https://www.facebook.com/rafinhabastos>. Acesso em 5 de setembro de 2013.

mas fazem falta sim!”. Outro ponto a se levar em consideração é a repetição da expressão “vamo pra rua”, em alusão à outra que ficou famosa na rede; a frase “vem pra rua” começou a ser utilizada em hashtag⁵ como forma de convocação para que os usuários da internet não participassem do movimento somente pelo computador.

Essa restrição de participação às mídias digitais é definida por Piérre Levy como “sofativismo”. No entanto, este termo não carrega uma percepção somente negativa. Como o próprio Levy apontou em entrevista no mês de março de 2013 ao jornal O Estado de São Paulo, o sofativismo também se trata de uma forma que o cidadão possui para se expressar. E, para ele, qualquer modo de expressão democrática é válido. Essa validade apontada pelo autor em março se confirmou nos protestos de três meses mais tarde: quem estava em casa, incentivava os indivíduos que se faziam presentes nas manifestações; quem estava lá, por sua vez, carregava cartazes e faixas com a escrita “#vemprarua”, convocando os ‘ativistas de sofá’ para se juntarem à multidão. Além disso, o uso da hashtag permitia encontrar fotos e textos ligados à manifestação nas plataformas do Twitter, Facebook e Instagram.

No caso do protesto de 18 de junho, o movimento na internet superava o dobro de participantes nas ruas. Enquanto 200 mil pessoas protestavam de modo presencial, 500 mil compartilhavam a hashtag “#vemprarua”. Outra tag que se destacou foi “#OGiganteAcordou”, usada para justificar a quantidade de pessoas que iam às ruas. Assim como a anterior, esta hashtag também ganhava notoriedade em meio ao protesto (figura 2). O uso da cerquilha (#) é a prova de que o protesto nacional foi organizado por e para usuários das mídias sociais.



Figura 2: A divulgação das hashtags nos protestos. Disponível em: <http://www.oconhecimento.com.br/as-hashtags-estao-nas-ruas-e-o-internauta-levantou-do-sofa>. Acesso em 9 de set. de 2013.

Atualmente, no Facebook e no Twitter, é possível encontrar páginas e perfis de grupos que lideram as mobilizações sociais nas redes. Um exemplo é a página “Anonymous Brasil”, que possui quase 1,2 milhões de usuários conectados diretamente. A Anonymous (anônimo, em português), recebe esse nome por se tratar de um grupo de pessoas que executa ações em ambientes onde suas identidades verdadeiras são desconhecidas. Após estudos do Instituto Nacional de Tecnologia de Informação, a “legião dos anônimos” foi identificada como maior articuladora de informações e incentivadora dos protestos contra o aumento da tarifa dos transportes e gastos com a Copa.

A forma como estas manifestações foram organizadas reforça o conceito da rede social: indivíduos estabelecendo pontos de conexões, isto é, compartilhando dos mesmos interesses. Nos protestos, a rede social foi explorada em dois modos: no modo online, como ambiente de comunicação massiva no meio digital, e offline, como pontos de uma rede dispostos na rua, conectados pelo interesse comum de reivindicar seus direitos (figura 3).

Figura 3:
Manifestantes com faixa que insinua que o protesto surgiu nas redes sociais. Disponível em: <http://www.brainstorm9.com.br/38147/social-media/aceite-e-incentive-tambem-o-sofativismo/>. Acesso em 10 de setembro de 2013.



Ainda dentro do estudo destes protestos, é possível ver a relação da Teoria do Espiral do Silêncio com os movimentos populares que surgem a partir de mobilizações sociais no meio digital. Em 17 de junho, dia que antecedeu a primeira grande manifestação, a agremiação da Juventude Paulistana do PSDB afirmou que não participaria do movimento por acreditar que o objetivo dele era enfraquecer o governo do estado de São Paulo, cujo representante pertence ao partido do grupo de jovens. No entanto, no dia 19 de junho, após notar as proporções que o protesto alcançou, a Juventude Paulistana do PSDB voltou atrás em outra nota, apoiando as manifestações. Acredita-se que, mais do que por motivos políticos, a revo-

gação da opinião aconteceu pela necessidade de pertencer à maioria e pelo receio de o grupo partidário sofrer algum tipo de isolamento social (Teoria da Espiral do Silêncio).

Considerações Finais

A internet como meio de exercício da democracia se mostrou eficiente. Quase 1,5 milhão de brasileiros se uniram e foram às ruas, embalados pelo espírito democrático e movidos por diversos argumentos, em geral à favor de redução da tarifa do transporte e contra a corrupção política. A sociabilidade online não só permitiu como embasou a ciberdemocracia. As redes sociais permitiram a expressão das opiniões acerca dos interesses sociais, a organização do protesto, a

inclusão de pessoas ao longo do processo de mobilização social e a reunião de imagens e textos que comprovam a existência do vínculo entre a internet e o segundo maior protesto brasileiro. Mais do que nunca o meio físico e o meio digital estão se mesclando.

A comunicação mediada por computador ultrapassou o tempo dos bate-papos, vídeos e fotos como fontes unicamente de entretenimento; cada dia mais os usuários das mídias e das redes sociais reconhecem a potencialidade de alcance massivo das mídias digitais. Acredita-se que estas foram as primeiras de grandes manifestações que ainda estão por vir, uma vez que, com a eficácia dessa ferramenta comprovada, a internet tende a ser mais explorada nesse âmbito de reivindicação dos direitos e cobrança do cumprimento dos deveres do Estado.

NOTAS

1 - Artigo apresentado no Eixo 7 – Redes sociais na Internet e Sociabilidade online do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013

2 - Graduada em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Federal de Goiás e autora do artigo.
E-mail: vivi.rst@gmail.com

3 - Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Federal de Goiás e coautor do artigo .
E-mail: brunodosreisbarbosa@gmail.com

4 - Orientadora do Artigo. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás -UFG, na linha de Mídia e Cultura. Pesquisadora e docente pela Faculdade de Informação e Comunicação da UFG e Centro Universitário Uni-Anhanguera. Email: flaviamartins21@gmail.com

5 - Tags são palavras-chave (relevantes) ou termos associados a uma informação. Hashtags são palavras-chave antecedidas pelo símbolo "#", que designam o assunto o qual está se discutindo em tempo real no Twitter e também foi adicionado ao Facebook e Instagram. As hashtags viram hiperlinks dentro da rede e são indexáveis pelos mecanismos de busca. Sendo assim, usuários podem clicar nas hashtags ou buscá-las em mecanismos como o Google para ter acesso a todos que participaram da discussão. As hashtags mais usadas no Twitter ficam agrupadas no menu Trending Topics (tópicos em tendência), encontrado na barra lateral do microblog. Hashtag é a definição dada para um tópico/discussão que se deseja fazer ser indexado de forma explícita pelo Twitter, composta da palavra precedida pelo caractere cerquilha (#).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A.;CUNHA, Paulo. Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

AUGRAS, Monique. Opinião pública: teoria e pesquisa. São Paulo: Vozes, 1970.

CURY, Lucilene; CAPOBIANCO, Lígia; CYPRIANO, Pelópidas. A Cibercultura como uma questão de cultura. In: Simpósio Nacional ABCiber. 3. 2009, São Paulo. Educação e Aprendizagem. Disponível em: <http://www.cca.eca.usp.br/sites/cca.eca.usp.br/files/eixo4_art16.pdf>. Acesso em 01 set. 2013

De #VempraRua a #ForaDilma, os TTs das mobilizações. In: Diário Catarinense, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2013/06/de-venpraru-a-foradilma-os-tts-das-mobilizacoes-4173663.html>>. Acesso em 09 de set. 2013.

Espiral do Silêncio. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Espiral_do_sil%C3%A2ncio&oldid=35275277>. Acesso em: 29 ago. 2013.

GIBSON, Willian. Neuromancer. São Paulo: Aleph, 2003.

HASHTAG. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hashtag&oldid=36831979>>. Acesso em: 19 set. 2013

TORO, Bernardo. O que é mobilização social? In: Nossa Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.nossasalvador.org.br/site/colunas/135-o-que-e-mobilizacao-social>>. Acesso em: 16 set.2013.

Ideia Geral: O que é a democracia? In: Embaixada dos Estados Unidos. Disponível em <<http://www.embaixada-americana.org.br/democracia/what.htm>>. Acesso em 02 set. 2013.

Juventude paulistana do PSDB muda de ideia sobre manifestações. In: Revista Forum, São Paulo, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blog/2013/06/juventude-do-psdb-paulistano-volta-atras-sobre-manifestacoes/>>. Acesso em: 13 set. 2013.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender nossa época. In: LEMOS,

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: 34, 1999.

LUPION, Bruno. Lévy: 'Não sou contra o ativismo de sofá', 11 mar. 2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/pierre-levy-nao-sou-contra-o-ativismo-de-sofa/>>. Acesso em: 08 de set. 2013.

NOËLLE-NEUMANN, Elisabeth. La espiral del silencio. Opinión pública: nuestra piel social, Paidós. Barcelona, 1995.

PERUZZO, Círcia Maria Kroling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (Org). Comunicação Pública. Campinas: Alínea, 2004, p.49-79.

PROTESTOS NO BRASIL EM 2013. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Protestos_no_Brasil_em_2013&oldid=36919215>. Acesso em: 19 set. 2013.

VALENTE, Rubens e MAGALHÃES, João Carlos. 'Anonymous' lidera ativismo digital nos protestos, diz estudo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1310892-anonymous-lidera-ativismo-digital-nos-protestos-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 09 set. 2013.

YASSUDA, Luiz. Aceite e invente também o sofativismo, 18 jun. 2013. Disponível em <<http://www.brainstorm9.com.br/38147/social-media/aceite-e-incentive-tambem-o-sofativismo/>>. Acesso em: 10 set. 2013.

